



Revista do Mestrado em Direito da UFS

**O QUE OCASIONA OU IMPEDE A ASCENSÃO DO
TOTALITARISMO: UM COMPARATIVO ENTRE A
HISTÓRIA POLONESA E A ALEMÃ (1918-1945)**

**WHAT LEADS TO OR PREVENTS THE RISING OF
TOTALITARISM: A COMPARATIVE BETWEEN POLISH
AND GERMAN HISTORIES (1918-1945)**

Barbara Cardoso de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo pretende investigar a coexistência de acontecimentos que levaram tanto ao totalitarismo quanto à independência, a qual será demonstrada fazendo um paralelo entre a história de dois países vizinhos durante o mesmo recorte temporal: a Polônia e Alemanha do século XX. Através do método comparativo, intenciona-se demonstrar que elementos que a literatura convencionaliza como razão do que culminou nas barbáries do Nacional-socialismo alemão, também incharam o nacionalismo polonês. Além disso, teriam fomentado a culminância nos processos iniciados formalmente em 1918, durante a Convenção de Viena: o ressurgimento do seu Estado de direito da Polônia e sua independência.

Palavras-chave: Alemanha. Polônia. Nacionalismo. Totalitarismo. Independência.

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe.

ABSTRACT

This article intends to investigate the coexistence of events that lead both to a totalitarianism and to a Independence, which will be shown by making a paralel between the history of two neighboring countries during the same time clipping: Poland and Germany of the XX century. Through the comparative method, it is meant to demonstrate that the elements the literature agrees as reason of the leading to the barbarisms of the german National-socialism, also inflated the polish nationalism. Furthermore, they would have fomented the culmination to the processes initiated formally in 1918, during the Convention of Vienna: the resurgence of Poland's rightful State and its Independence.

Keywords: Germany. Poland. Nationalism. Totalitarianism. Independence.

Introdução

Este artigo pretende investigar a existência de uma linha tênue entre civilização e barbárie, a qual será demonstrada fazendo um paralelo entre os acontecimentos, durante o mesmo recorte temporal, em dois países vizinhos: a Polônia e Alemanha. Norbert Elias em *Os Alemães*, no sentido de demonstrar como pode o nazismo ter vindo a suceder como a maior atrocidade da contemporaneidade, explana como processos de crescimento e de decadência andam juntos. Com base nisso, e em diversos outros argumentos dos textos deste autor e outros sobre a mesma temática (por exemplo, *As Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt), objetiva-se fazer uma análise comparativa entre os casos polonês e alemão.

A primeira sessão se debruçará em situar o recorte histórico, em especial explicar o contexto em que estava inserido o povo polonês, explicando brevemente o que levou àquele ponto. O enfoque estará no período compreendido entre a tripartição e o primeiro desaparecimento do Estado Polonês, em 1795, até a Convenção de Viena e os tratados acerca da Questão Polonesa. Tudo isso em consonância com a história da evolução do nacionalismo naquele país. Ainda nesta sessão, será feita também uma localização do momento histórico alemão, mais especificamente a situação que o país e seu povo passaram no entre Guerras.

Em seguida, a segunda sessão será destinada a elencar o que a literatura levantada traz por explicação pra se fosse instaurado um totalitarismo na Europa no século XX. A partir dos pontos que os autores indicam como necessários para o advento do nazismo, serão demonstrados quais e como tais pontos estiveram presentes na história polonesa. Por fim, será feita uma conclusão acerca de quais elementos necessitam estar presentes ou ausentes para resultar no totalitarismo ou na democracia.

1. Recorte Histórico

1.1. A evolução do Nacionalismo Polonês (1795- 1919)

Em ordem de compreender os fatos da história polonesa que serão apresentados na segunda sessão é necessário entender a organização política desse país a partir de 1795. Neste ano, a Polônia (na época, Commonwealth da Polônia-Lituânia) sofria a sua terceira invasão, orquestrada da união de três grandes Impérios: o Russo, o Austríaco e o Prussiano. Em razão dos grandes ataques anteriores, frutos de diferentes coalizões entre os mesmo três impérios, o país não pode resistir e, em 1795 houve a assinatura do tratado que delimitava a partilha do que restava do território polonês, eliminando de uma vez aquele Estado do mapa. A Polônia só voltaria a existir mais de cem anos depois.

Como uma nação conseguiu não perder sua identidade apesar dos esforços imperialistas de eliminá-la está baseado no peculiar nacionalismo que cresceu no povo polonês a partir do ano em que seu rei e os embaixadores estrangeiros foram expulsos do território. Em primeiro lugar, é importante estabelecer o dilema que a Partilha cria para o historiador que desejar mapear o progresso da nação polaca: de quais polacos se está tratando. Segundo o Zamoyski (2009).

Cerca de 90% dos polacos étnicos eram camponeses analfabetos desprovidos de consciência nacional, mas a <<nação política>>, formada pela szlachta e pela nova classe média culta, era constituída de membros de quase todas as nacionalidades representas na Comunidade. Para a maioria dos camponeses, era irrelevante saberem em que reino ou império viviam; [...]. (Zamoyski, 2009).

Assim, no século XVIII, adentrando o século XIX o nacionalismo polonês foi coordenado e permaneceu vivo apenas nas mentes de uma pequena elite sócio-política (szlachta). Essa mesma elite que havia dado luz à constituição polaca de 1791 (a segunda do mundo), portanto a ela se mantendo fiel; mesmo após a sua extinção, o apego ao seu ideal dá a primeira característica do nacionalismo polonês: não se basearia em questões étnicas, mas no ideal de “toda a população da extinta Comunidade”. (Zamoyski, 2009).

Ilya Prizel, em *National Identity e Foreign Policy*, divide o nacionalismo encabeçado pela szlachta em dois momentos. O primeiro é o nacionalismo romântico, característico do século XVIII. Desde a era da Commonwealth, se analisados os antigos cânticos e poesias, nota-se que entre a elite intelectual polaca espalhava-se a crença de aquele povo estava destinado derrotar os invasores do mundo Ocidental. Segundo o autor, presos a essas crenças criou-se a ilusão de que as derrotas e a consequente partilha faziam parte de um

objetivo último maior, além de que seria a “causa polonesa uma causa de todo o mundo civilizado”. Ou seja, era um direito da Polônia ser resgatada pelos países civilizados. (Prizel, 1998)

Por conta disso, durante o período diversos patriotas polacos se descolaram em apoio a Napoleão Bonaparte em sua empreitada contra a Rússia, uma vez que acreditaram que o mesmo estaria se mobilizando em prol da Questão Polaca. Até os dias atuais, o hino nacional polonês é o único do mundo a exaltar a figura daquele imperador francês. Inclusive, a admiração polonesa em direção à França não se limitava a Napoleão, mas principalmente ao fato da nação representar e lutar pelos valores da liberdade. Portanto a França, bem como os Estados Unidos, atraiu o maior contingente de imigrantes polacos durante a Partilha.

Em 1823, foram iniciadas a perseguição a acadêmicos e a censura. Grandes artistas e intelectuais que inspiravam a população estudantil polaca foram presos ou exilados. Em 1830 deu-se a primeira de diversas insurreições contra os impérios ocupantes, em especial o Russo. No entanto, como dito anteriormente, o nacionalismo estava restrito a uma classe, e tal revolta não mobilizou as massas plebeias e assim, foram um fracasso. Por isso, durante a fase positivista do movimento nacionalista, a segunda descrita por Prizel, em que os polacos abdicaram do idealismo romântico e do confronto externo, investindo na resolução de problemas internos e na industrialização. As obras artísticas passaram a ter cunho político e de ético.

[...] todas as esferas foram afetadas, desde a higiene à educação. As pessoas inteligentes eram encorajadas a fazerem uso do positivismo e do trabalho orgânico na prossecução de fins específicos em vez de perderem tempo a planejar sublevações impossíveis. (Zamoyski, 2009)

Contudo, o campesinato seguia excluído do processo política e dos debates intelectuais, o que significava que a grande maioria da população estava alheia à causa.

1.2. O Congresso de Viena e a Questão Polaca

Em 1918, finda a I Primeira Guerra Mundial, as conferências de Paz em Paris foram realizadas a fim de estabelecer a organização europeia no pós-guerra. Além de

necessitarem os países acordarem quanto à punição dos derrotados (em especial, a Alemanha), assombrava os chefes de Estado o fantasma do socialismo soviético. Nessa perspectiva, Macmillan (2001) coloca:

O renascimento da Polônia foi uma das grandes histórias da Conferência de Paz. Causou também dificuldades intermináveis. O comitê que estudou suas fronteiras teve mais reuniões que qualquer outra. Deveriam as fronteiras da Polônia ser traçadas para punir a Alemanha por malefícios passados e por sua derrota recente? Deveria existir uma grande Polônia como barreira contra o bolchevismo? [...]. (Arendt, 2012).

A dificuldade para definir quais seriam as delimitações fronteiriças estavam tanto nos debates externos quanto no interno. No externo, embora antes do armistício os aliados estivessem de acordo com a independência, os ingleses desconfiavam em dar poder político aos polacos sob o receio de se tornar um futuro problema ². Os Estados Unidos mantiveram-se em favor da independência, em memória a poloneses queridos por sua nação como o grande pianista Paredewski e Tadeusz Kosciuszko (herói da Guerra de Independência americana), embora Woodrow Wilson optasse por não opinar quanto às fronteiras. Quanto a França, esta fora a maior estimuladora do renascimento de uma Polônia forte. Segundo Macmillan, a política francesa para a Polônia era “prática e romântica”: prática, pois precisava de uma aliada forte para fazer frente à Alemanha, uma vez que perdera a Rússia.

No entanto, os interesses poloneses não seriam propriamente defendidos não fosse por a figura de um general. Eventualmente, o nacionalismo positivista deixou de parecer efetivo, e ficou claro que a única maneira de conseguir a sobrevivência nacional polonesa seria através da independência política. Nesse contexto, o general Józef Pilsudski fazia parte da tradição romântica, e com a derrota dos grandes impérios, era a oportunidade para colocar em pauta o renascimento da sua pátria dentro de fronteiras conhecidas durante a Commonwealth. Desde a sua infância em Vilna (atual capital da Lituânia), Pilsudski era alimentado com histórias de livros poloneses censurados e dos dias de glória da Polônia, vindo a realizar, como jovem adulto, diversos atos de protesto, e mais tarde integrar as forças armadas. Ao fim da Grande Guerra, foi absolvido do exílio e prisão na

Alemanha, e dirigiu-se para Varsóvia com as Legiões Polonesas, onde tomou o poder dos alemães e retomou o seu objetivo primordial.

2. Elementos do Totalitarismo Alemão - Alemanha no entre guerras

2. 1. Atomização do Indivíduo

No processo de evolução humana e das sociedades, existiu um gradativo isolamento: nas sociedades primitivas o senso de comunidade, uma ideia comum, fez os homens sobreviverem à seleção natural. À medida que o homem desenvolveu a razão e com ela foi conquistando liberdades, sua angustia também floresceu. Os homens que na Idade Média tinham seu grupo social, sua crença e seu labor definido no seu nascimento, na modernidade foram presenteados com direito de escolher seu clã, sua religião, ao homem foi dada a escolha. Mas a liberdade traz solidão. Em *O medo à liberdade* (1980), Erich Fromm explora a natureza ambígua da liberdade: para ele, “a existência humana e a liberdade são, desde o início, inseparáveis. Liberdade é aqui empregada não em seu sentido positivo de “liberdade para”, porém no negativo de “liberdade de”, ou seja, liberdade de determinação instintiva de suas ações “ (Fromm, 1980). Também explana o autor que a solidão é a mais insuportável das dores humanas, e que é natural para a sua sobrevivência se fundir a um algo maior que si mesmo.

Assim a natureza dúbia da liberdade atuará em dois sentidos diferentes na Alemanha e na Polônia. O entrançamento do nazismo nos corações dos alemães se deu em um momento que maior racionalização e burocratização do país. Era um dos mais avançados no capitalismo durante o século XIX, e com devastação da guerra o sentimento de miséria e abandono assolava os corações dos jovens daquele país, e estes ansiavam por algo que lhes dessem razão de ser. As ideias nazistas conseguem unificar uma sociedade que ansiava por uma resposta existencial, algo que os definissem. Segundo Hannah Arendt,

O fato de que o mesmo destino, como monótona mas abstrata uniformidade, tocava um grande número de indivíduos não evitou que cada um se julgasse, a si próprio, em termos de fracasso individual e criticasse o mundo em termos de justiça específica. [...] A consciência da desimportância e da dispensabilidade deixava de ser a expressão da frustração individual e tornava-se um fenômeno de massa. (Arendt, 2012).

Enquanto os alemães pré-república de Weimar experimentavam uma liberdade negativa, a busca por unificação do povo polaco foi o que os fortaleceu a se manter seu povo com sua cultura e costumes vivos até os dias atuais. Como dito antes desde 1795 e por cento e vinte anos as fronteiras polonesas foram extintas e seu povo dividido e subordinado a três impérios diferentes. O modo de vida polonês foi extremamente reprimido em razão de tentar fazer desaparecer uma identidade, sobretudo no segmento russo. O ensino da língua foi proibido, livros foram censurados e artistas foram exilados. No entanto, os polacos manejaram em continuar escolas clandestinas, circular livros e suscitar pontuais insurreições. Principalmente após a disseminação do nacionalismo positivista, a coesão dos polacos então se baseia no objetivo comum de renascer o Estado; e aqui aparece uma busca pela liberdade, só que a positiva. A razão de ser dos poloneses era a independência.

2. 2. Ufanismo/Romanticismo e Propaganda

Em ambos os países em questão, era imprescindível para o povo encontrar elementos de coesão, e a utopia de um passado glorioso esteve presente para os dois. A ideologia nazista discursava sobre a criação de um Terceiro Reich, o que denotava que a Alemanha já havia sido um grande império da Europa, e que não podia voltar a ser como era obrigação do povo alemão recuperar tal status. Para os poloneses dominados os hinos sobre as vitórias dos Jagelões e dos Cavaleiros Teutônicos inspiravam-nos a relembrar a força do seu povo, e a manter resistência à opressão russa.

A principal forma como isso era disseminado na época era através da propaganda e da arte. Em *Origens do Totalitarismo*, Arendt afirma que “nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda.”¹ ela explica como o arsenal propagandístico nazista funciona através da distorção dos fatos e reescrevia a história, principalmente em direção ao estrangeiro. Enquanto no externo a propaganda nazista mascarava suas intenções, no interno o intuito era a maior doutrinação para maior conquista de adeptos.

No entanto, antes de 1918, além do fato de que os meios propagandísticos ainda não eram tão aperfeiçoados, era através da arte e do romanticismo que o nacionalismo era

alimentado. No século XIX, ganhava notoriedade o maior poeta da literatura polonesa Adam Mickiewicz (1798 – 1855); havia estudado na Universidade de Wilno e juntamente com outros artistas da época, foi obrigado a abandonar sua cidade natal e teve suas obras censuradas. Escrevia romances em que os protagonistas se sacrificavam heroicamente e pela honra, abordava ações patrióticas e questões políticas e éticas. (Zamoyski, 2009).

Antes de dar seguimento, aqui é necessário abrir um breve parêntesis e comentar a figura de Adam Mickiewicz. Contemporâneo de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), e participante do movimento romântico da literatura por ele iniciado, Mickiewicz (1798-1855) é considerado o maior poeta da época, e sua obra prima *Pan Tadeusz*, de 1834, é considerada amplamente o último grande poema épico da literatura europeia. A obra foi (e é até hoje) significativa para os poloneses pois, primeiro, a palavra escrita era de extrema importância para a repercussão da língua e, segundo, a literatura romântica remetia à uma época de glória, a perspectiva positiva, a uma volta do estado de inocência perdido pelas repressão. Mickiewicz encerra o épico romântico, sobre um amor jovem no contexto rural da Lituânia, com um final feliz, de modo a manter acesa a chama de esperança para dias melhores. Aqui temos um contraste com Goethe, que termina sua obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), a grande e pioneira obra romântica, que exprime a dor avassaladora de amar e é responsabilizada por um grande número de suicídio. A literatura romântica foi elemento de coesão para ambas as nações, mas é perceptível que na sociedade alemã a liberdade negativa gerava um maior senso de angústia, e de que a vida solitária era insuportável.

Norbert Elias, em *Os alemães*, também demonstra que uma literatura pró-guerra já estava presente no território germânico durante a República de Weimar. Diz ele:

Romances como *Nação contra nação*, de Bloem, promovem uma atitude positiva em relação ao uso de força militar e de orgulho na ausência de piedade para com o inimigo. Além disso, em tais romances, sem encobrir o horror da guerra, é feita uma tentativa de torna-la aceitável aos olhos do público, mantendo seu entusiasmo ao romantizar a violência como heroísmo e representar a guerra como, por assim dizer, algum grande evento cósmico, uma experiência arrebatadora em que o indivíduo perde sua própria identidade especial. (Elias, 1997).

Sobre a ficção e a propaganda totalitária, Arendt acrescenta:

Fugindo à realidade, as massas pronunciam um veredicto contra um mundo no qual são forçadas a viver e onde não podem existir, uma vez que o acaso é o senhor supremo deste mundo e os seres humanos necessitam transformar constantemente as condições do caos e do acidente num padrão humano de relativa coerência. (Arendt, 2012).

Nessa perspectiva, enquanto na Alemanha a “propaganda nazista especializava-se em tirar proveito do anseio das massas pela coerência”³, a literatura polaca alimentava ansiedade em ver novamente a pátria livre.

2.3. Militarização

Com o cessar da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha não apenas encontrava-se humilhada pelo Tratado de Versalhes e falida financeiramente, como grande parte de seu arsenal bélico havia sido comprometido. Assim, a tática utilizada para o reerguimento do país foi isolacionismo, de modo a primeiro reerguer-se internamente para depois expandir a empreitada para o exterior. Assim até 1933, a Alemanha permanecera afastada das interrelações europeias, firmando acordos bilaterais secretos, por exemplo, com a União Soviética para permitir armamento e treino das Forças Armadas naquele território, uma vez que o Tratado de Versalhes proibia o seu rearmamento.

Segundo Pedro Tota, em um capítulo de *História das Guerras*,

[...]Gleichschaltung, conceito de difícil tradução, deve ser entendido como coordenação de um Estado sob a autoridade total de um só líder. Foi dentro dessas perspectivas “filosóficas” que a ditadura se impôs e a Alemanha começou a reconstrução. Hitler havia, direta e indiretamente, recebido apoio dos grandes conglomerados industriais. O rearmamento da Alemanha foi a base da sua reconstrução. (Tota, 2008)

Como dito em sessões anteriores, nos fins do século XIX iniciou um nacionalismo positivista, que focaria em industrializar e desenvolver o país e abdicar das insurreições falhas que caracterizaram o século anterior, pelo menos até organizar-se. Também foi colocado que nesse espaço de tempo foi galgando o seu nome na história Józef Pilsudski. Nessa época de organização, formou-se entre os poloneses o Partido Socialistas, Pilsudski entre um deles, apesar de, dentro do seu nacionalismo nostálgico, estava convencido de que o maior entrave contra a prosperidade polonesa fosse a Rússia. Fundou uma escola

de instrução paramilitar que em 1906 já detinha 750 agentes e em 1914 suas Legiões Polacas possuíam força 20.000 homens (Zamoyski, 2009).

Ainda, um elemento de forte peso para a ascensão do nazismo e para a esperança da independência da Polônia é o anseio pelo grande evento, que no caso seria a eclosão de uma grande guerra. De acordo com Norbert Elias:

Na Alemanha pré-nazista, o anseio latente e, com frequência, semiconsciente de um evento extraordinário, com o poder de empolgar as pessoas, um evento que derrube as barreiras entre indivíduos e entre ideal e realidade, e que permita a reconstrução de uma verdadeira “comunidade” (Gemeinschaft), era o reverso do contraste particularmente nítido entre o tradicional ideal nacional e a prática cotidiana de uma sociedade industrial parlamentar. (Elias, 1997).

Para os jovens alemães, desiludidos e em busca de um sentido para sua existência, como foi Goebbels, esse Evento veio na figura de Adolf Hitler. Sem Hitler dificilmente haveria a Segunda Guerra Mundial se desenrolado como o fez.

2.4. Mobilização das Massas

No entanto, todos esses elementos mostram-se insuficiente perante a necessidade de um elemento específico para instauração de um Estado Totalitário: as massas. Como explicitado nas sessões anteriores, a grande maioria da população polonesa quando houve a Partilha pertenciam ao campesinato, e não tinha qualquer aspiração política, nem ao menos eram incluídos nos debates. O nacionalismo polaco era restrito a uma elite burguesa, acadêmica, que tinha acesso à literatura, ou ao menos sabia ler. Segundo Hannah Arendt, é o acordo entre as massas e a burguesia que mobilizam uma nação em prol de um interesse nacional. Diz ela:

Todos os grupos políticos dependem da força numérica, mas não na escala dos movimentos totalitários, que dependem da força bruta, a tal ponto que os regimes totalitários parecem impossíveis em países de população relativamente pequena, mesmo que outras condições lhes sejam favoráveis. (Arendt, 2012).

A estratégia alemã concentrou-se desde o começo, em primeiro industrializar-se e crescer fortalecendo-se internamente para só depois começar as conquistas e anexações. E apenas após as anexações no Leste Europeu, e estabelecimento dos campos de concentração, que acumularam massas o suficiente para iniciar, de fato, um totalitarismo como regime. (Arendt, 2012).

A autora também coloca,

O colapso do sistema de classe como estratificação social e política dos Estados-nações europeus foi certamente ‘um dos mais dramáticos acontecimentos da recente história alemã’, e favoreceu a ascensão do nazismo na mesma medida em que a ausência de estratificação social na Rússia (esse ‘grande corpo flácido destituído de educação política, quase inacessível a ideias capazes de ação nobilitante’, como disse Górkij) favoreceu a deposição, pelos bolchevistas, do governo democrático de Kerenski. (Arendt, 2012).

Uma sociedade de classe, como ainda existia no território correspondente à Polônia, poria dificuldade a todos os outros elementos de um regime totalitarista. Não haveria mobilização de todos em prol de um interesse nacional, maior do que os interesses privados, além dos estímulos ufanistas não tocarem em um número suficiente para que sejam pegas as armas. Sem acesso à literatura propaganda, não haveria a ilusão da “morte heroica”, como dita por Norbert Elias. Isto seria, no sentido de haver um endeusamento do passado e no “se enxergar” como vítima, a ideia de um herói que venha a se sacrificar pelo povo, também aparece como elemento de unificação. Mais do que isso, o sentimento que o próprio povo deveria se sacrificar pela nação, que havia nobreza nesse ato. Nesse sentido, nos contextos de ambas as nações houve a formação de um “exército popular” (mas no caso polonês, grupos de resistência). No livro *A História da Polônia*, Adam Zamyski coloca:

Seria um exagero afirmar que a nova nação foi forjada na luta, mas não deixa de ser verdade que as sucessivas insurreições marcaram um processo de pensamento e autodescoberta que de outro modo poderia não ter passado de um falatório inconsequente. E estas insurreições também testaram teorias e destruíram ilusões. (Zamoyski, 2009).

Ainda existe a questão do estabelecimento de um culpado. Ambos os alemães e os poloneses podiam se ver como vítimas, e para o serem era imprescindível um culpado. Um culpado para sua miséria, para sua solidão, para sua angústia. Para os poloneses, esses

eram seus ocupantes, sobretudo os russos, seus maiores inimigos históricos, e por isso não subordinar-se a eles era a via para combatê-los e livrar-se deles era seu objetivo último. Para Hitler, a aniquilação dos judeus era um objetivo último. Assim, mesmo que o *Fuhrer* tivesse outros inimigos internacionais, os judeus conseguiriam ser um culpado muito mais fácil de exterminar e de ganhar a aversão da maioria dos alemães.

Apenas a partir de 1870, passou a existir Partidos Poloneses nascidos de cooperação com os camponeses. Em 1892, a maioria dos Partidos, que tinham por sua essencial os ideais socialistas, fundiram-se no Partido Socialista Polaco (PPS), liderados por Stanislaw Mendelson. Da organização desse partido, em 1894, Jósef Pilsudski inicia sua carreira de luta política como editor do jornal *Robotnik*, através do qual realiza publicações que lhe conquistam cadeira de líder do partido.

Conclusão

Por que então, Pilsudski não instaurou na Polônia um poder totalitário? Afinal, todos os elementos estavam presentes: um inimigo, um clamor pelo passado glorioso, o coletivismo, um evento extraordinário, e agora tinham obtido independência, então a liberdade negativa apareceria. Em primeiro lugar, apesar da reconquista das fronteiras, a República Polonesa ainda precisava organizar-se internamente, a coesão não era total. Zamoyski discorre acerca de um Estado que ainda não era homogêneo:

“A ‘nação’ polaca da Comunidade fora aberta a todas as nacionalidades, mas quando a Polônia foi ressuscitada como nação-estado, em 1918, apenas se pode basear nas tradições linguísticas, culturais e religiosas do grupo dominante. As minorias não foram discriminadas de forma ativa, mas era difícil aos seus membros guindarem-se a altos cargos no exército ou no funcionalismo público”. (Zamoyski, 2009)

Ou seja, a recuperação do Estado Polaco e sua sobrevivência ainda era a agenda do Marechal. Além disso, os poloneses haviam criado uma resistência à submissão e obediência cega a um poder, pois segundo o autor, “por demasiado tempo a virtude estava na oposição”.

No Entre Guerras, houve um maciço movimento de industrialização da nova República, e no decorrer desse processo o ufanismo junto com todos os elementos já citados poderiam talvez ter contribuído para ascensão do fascismo naquele país, mas os alemães se adiantaram e o ocuparam, e em seguida o fez a União Soviética. Durante a época do comunismo, de novo os russos tentaram sufocar a identidade polonesa, mas os mesmos elementos de resistência do passado mantiveram a unidade e a sobrevivência de uma cultura, e também impediram que as fronteiras polonesas voltassem a ser apagadas (como aconteceu com outros países da Europa Central).

Em conclusão, apesar de ainda haver um largo trabalho de pesquisa ainda a ser aprofundado, é possível perceber que o principal fator que impediu o totalitarismo tomar conta da nação polonesa foi a falta de coesão de seu povo. Contribuía para tanto as disparidades sociais de um país que caminhava para fora de uma crise, além de uma peculiar burguesia que tinha euforia pela resistência. Por fim, a importância deste debate inicial está em refletir que as barbáries que se sucederem a partir de 1945 não fazia parte da natureza intrínseca de um povo. Foram frutos de uma sequência de eventos e podiam, e podem acontecer, em qualquer outro país.

Referências

- Arendt, H. (2012). *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Elias, N. (1997). *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fromm, E. (1980). *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MacMillan, M. (2004). *Paz em Paris: A Conferência de Paris e seu Mister de Encerrar a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MICKIEWICZ, Adam. *Pan Tadeusz, czyli ostatni zajazd na Litwie. Historia szlachecka z roku 1811 i 1812 we dwunastu księgach wierszem* Disponível em: <https://culture.pl/en/work/pan-tadeusz-adam-mickiewicz> Acesso em: 22 de Maio de 2019
- Prizel, I. (1998). *National Identity and Foreign Policy: Nationalism and leadership in Poland, Russia and Ukraine*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tota, P. (2008). Segunda Guerra Mundial. In: D. Magnoli, *História das Guerras* (pp. 355-390). São Paulo: Contexto.

Zamoyski, A. (2009). *História da Polônia*. Lisboa: Edições 70.